

**CONSERVADORISMO E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA ŽIŽEKIANA EM “PORRA, SANTO ANTÔNIO”, DE MAYA FALKS**

**CONSERVATISM AND ŽIŽEKIAN SYMBOLIC VIOLENCE IN “FUCK, SAN ANTONIO”, BY MAYA FALKS**

Marcia Geralda de Almeida<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo teve como objetivo interpretar o conto “Porra, Santo Antônio”, da escritora Maya Falks, a partir do conceito de violência (objetiva) simbólica do filósofo esloveno Slavoj Žižek, demonstrando como a violência simbólica funciona como mecanismo de manutenção da ordem simbólica e, pode, eventualmente, irromper em formas de violência subjetiva. Trata-se de um estudo qualitativo e de base interpretativa, baseado nos pressupostos do materialismo lacaniano. O materialismo lacaniano é uma teoria que vincula os pressupostos da psicanálise de Jacques Lacan ao materialismo dialético de Karl Marx, propondo reflexões sobre o funcionamento das relações humanas, considerando não só a luta de classes, mas também as implicações do inconsciente, da linguagem etc. Seus principais disseminadores são os filósofos Slavoj Žižek e Alain Badiou. Por meio deste estudo teórico, verificamos a existência de uma violência objetiva simbólica perceptível pela observação atenta dos usos lexicais no enredo; essa violência simbólica estrutura as coordenadas do universo simbólico das personagens e faz emergir formas de violência subjetiva quando suas contradições vêm à tona.

**Palavras-chave:** Violência simbólica; Slavoj Žižek; Maya Falks.

**ABSTRACT**

This article aimed to interpret the short story “Porra, Santo Antônio”, by the writer Maya Falks, based on the concept of symbolic (objective) violence by the Slovenian philosopher Slavoj Žižek, demonstrating how symbolic violence works as a mechanism for maintaining the symbolic order. and may eventually erupt into forms of subjective violence. This is a qualitative and interpretative study, based on the

---

<sup>1</sup>Mestre em Estudos Literários, Doutoranda . Universidade Estadual de Maringá. Maringá. Paraná. Brasil. E-mail: marcialmeida57@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7093-893X>.

assumptions of Lacanian materialism. Lacanian materialism is a theory that links the assumptions of Jacques Lacan's psychoanalysis to Karl Marx's dialectical materialism, proposing reflections on the functioning of human relationships, considering not only the class struggle, but also the implications of the unconscious, language, etc. Its main disseminators are the philosophers Slavoj Žižek and Alain Badiou. Through this theoretical study, we verified the existence of symbolic violence perceptible through careful observation of the lexical uses in the plot; This symbolic violence structures the coordinates of the characters' symbolic universe and gives rise to forms of subjective violence when their contradictions come to light.

Keywords: Symbolic violence; Slavoj Žižek; Maya Falks.

Artigo recebido em: 15/09/2023

Artigo aprovado em: 02/05/2024

Artigo publicado em: 14/06/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11iEsp.Dossie.5031>

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma interpretação do conto “Porra, Santo Antônio”, de Maya Falks. Nascida em 1982, em Caxias do Sul, Maya Falks, ou Márcia Bastian Falkenbach, escreve desde os sete anos de idade e possui diversas obras publicadas como: *Depois de tudo* (2015), *Versos e Outras Insanidades* (2017), *Poemas para ler no front* (2019), *Histórias de minha morte* (2019), *Eu também nasci sem asas* (2020), *Santuário* (2020), *Já não somos os mesmos* (2022), *Todo mundo gosta de sexo (Eu nunca fui todo mundo)* (2023). Por meio da poesia, do conto e do romance, a autora aborda temas como violência, assexualidade, morte etc.

Em uma entrevista publicada na revista *Diadorim*, a própria autora afirma que em *Santuário*, por exemplo, “o centro do romance é a hipocrisia embutida nas relações humanas” (NAMORATO, 2020, p. 17, tradução livre). Segundo Maya Falks, a própria cidade incorpora essa hipocrisia, pois “apresenta-se como uma cidade conservadora, orientada por valores religiosos e familiares [...] Na verdade, a hipocrisia começa no

nome da cidade. Um santuário é um lugar pacífico e sagrado”, entretanto a cidade descrita por Falks “definitivamente não é nem pacífica nem sagrada” (NAMORATO, 2020, p. 17, tradução livre).

Na voz de um narrador heterodiegético onisciente seletivo, o conto supracitado é um dos capítulos que compõem o romance intitulado Santuário. Publicado em 2020, pela editora Macabéa, Santuário é uma obra em que o protagonista é o espaço, isto é, a pequena cidade interiorana que dá nome ao romance, marcada pelo conservadorismo religioso, em meio às contradições humanas. Nesse viés, o universo do conto “Porra, Santo Antônio”, cujo próprio título é delator dessas contradições, permite perceber como a violência estrutura a ordem simbólica dos personagens.

Diante disso, nossa proposta de análise fundamenta-se no materialismo lacaniano, teoria defendida e disseminada pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, e utiliza o conceito de violência elaborado por esse filósofo, para refletir sobre as cenas de violência subjetiva e o funcionamento subjacente da violência simbólica. Portanto, o objetivo desta análise é evidenciar que a violência subjetiva que aparece no texto é resultado da violência objetiva simbólica invisível que enreda a vida dos personagens ao mesmo tempo que sustenta suas relações sociais.

## **2 CONTRADIÇÃO E VIOLÊNCIA (OBJETIVA) SIMBÓLICA EM “PORRA, SANTO ANTÔNIO”**

O materialismo lacaniano é uma corrente filosófica que une o materialismo dialético marxista e a psicanálise lacaniana, por entender que, além da luta de classes, é preciso considerar outras questões que interferem nas relações humanas, por exemplo, a linguagem e o inconsciente. Alguns de seus principais disseminadores são os filósofos Alain Badiou e Slavoj Žižek; este aplica o materialismo lacaniano aos estudos de cinema, estudos culturais, filosofia política, entre outros (SILVA, 2009).

Interessa-nos aqui a abordagem materialista lacaniana que Žižek faz do conceito de violência, pois ele considera que a violência existe e opera em três níveis distintos.

Para Slavoj Žižek (2014), existem duas formas principais de violência, às quais ele denomina violência subjetiva e violência objetiva; a primeira corresponde a atos de agressividade, individuais ou coletivos, percebidos por todos os sujeitos como atitudes violentas visíveis, praticadas por um “agente claramente identificável” (ŽIŽEK, 2014, p. 17), ou seja, é subjetiva porque é exercida por um sujeito; a violência objetiva, contudo, é invisível, quase imperceptível, pois é naturalizada e encarada como o que chamamos de normalidade dentro do funcionamento da ordem social.

O filósofo subdivide a violência objetiva em outras duas que se inter-relacionam: sistêmica e simbólica; para ele, “Em primeiro lugar, há uma violência ‘simbólica’ encarnada na linguagem e suas formas” (ŽIŽEK, 2014, p. 17), pois a linguagem sempre restringe, limita aquilo a que nomeia. “Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência ‘sistêmica’, que consiste nas consequências [...] do funcionamento regular dos nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, p. 17), ou seja, a violência objetiva sistêmica está relacionada com sistemas de organização social.

Portanto, a violência sistêmica é uma forma de violência objetiva que está relacionada com o funcionamento harmônico dos sistemas econômico, político e social, naturalizando problemas como altas taxas de desemprego, subemprego, desigualdades sociais, miséria, guerras, como se fossem uma contingência e não resultado do funcionamento perverso dos sistemas econômico e político. Ao falar especificamente do sistema capitalista, Žižek (2014, p. 26) afirma que “essa violência não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas ‘más’ intenções, mas é puramente objetiva, sistêmica, anônima”; contudo, é justamente por conta desse anonimato que ela funciona sem ser percebida.

A violência simbólica é uma forma de violência objetiva que se efetiva por meio da linguagem, pois a capacidade da linguagem de dar nome e significado às coisas

elimina qualquer outra possibilidade de a coisa nominada ser algo além daquilo que a nomeia; de acordo com Žižek (2014, p. 60-61), “A linguagem simplifica a coisa designada, reduzindo-a a um simples traço”, e essa simplificação é extremamente violenta. A partir de sua leitura sobre o essencial da linguagem de Heidegger, Žižek (2014, p. 64) afirma que essa capacidade da linguagem de criar essências possui uma “violência fundamental”, pois circunscreve em um campo restrito de significação aquilo que define; dito de outro modo, a linguagem funda a coisa nominada a partir de uma “imposição de um certo universo de sentido” (ŽIŽEK, 2014, p. 64).

Nossa leitura do conto “Porra, Santo Antônio” focaliza a violência objetiva simbólica, pois entendemos que há uma violência na linguagem dos personagens, a qual perpassa a narrativa e, às vezes, irrompe em violência subjetiva. Rejane é uma mãe muito religiosa e tem pressa que a filha, Rita, se case; por isso, ela pendura a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo, até que a menina encontre um bom marido, embora ela tenha apenas doze anos. Rita não quer se casar, pois, além de ser bastante jovem, não sente atração por meninos, o que gera mais um conflito no enredo. O que motiva Rejane é o medo de que Rita se perca e, como é reiterado no conto, que ela vire “puta” (FALKS, 2020, p. 43; 45), como aconteceu com outras moças da cidade. Para convencer a filha da necessidade do casamento, Rejane conta uma mentira, para que a menina se sinta culpada por não fazer a vontade da mãe; fala sobre sua vida miserável em uma vila muito pobre e que foi o casamento que a salvou da morte certa. Na verdade, Rejane nunca passou por dificuldades financeiras, sempre viveu no conforto.

Compreendemos que a fixação com a ideia do casamento, enquanto salvação da honra e obrigatoriedade natural da mulher, o medo de que a filha engravide sem casar ou pior, vire ‘puta’, são pensamentos que estão inseridos em um campo de significação ligado a padrões conservadores que determinam o comportamento feminino. De acordo com Almeida e Silva (2019, p. 170), em sua análise do romance *Vidas Secas*, “a violência objetiva é instaurada pela imposição de valores, de regras

sociais as quais impõem às personagens como naturais e espontâneos os loci que elas ocupam dentro do sistema”, e a efetivação dessa forma de violência invisível pode ser notada por meio do endosso do personagem.

Em nosso entendimento, nesse conto breve de Maya Falks, existe uma violência (objetiva) simbólica fundante que define o ser e o fazer da “boa mulher”, o qual é reproduzido e endossado pelas próprias mulheres, como demonstra a fala de Rejane: “– Me desculpe, padre, mas hoje em dia as meninas tão saidinhas. Cê não soube da irmã do seminarista? Virou puta! *Deus que me livre* minha Ritinha solteira!” (FALKS, 2020, p. 43, grifo da autora). O mesmo acontece quando Ritinha tenta conversar com a conselheira pedagógica da escola, Dona Odete, sobre a ideia fixa da mãe, e a resposta é: “Acho tão bonito uma mãe tão preocupada com o futuro da filha!” (FALKS, 2020, p. 47); a fala de ambas personagens indica que se trata de um pensamento comum, naturalizado entre as mulheres da cidade.

Quando Rejane afirma: “Minha Ritinha precisa de um *caminho certo, correto e cristão* nesta vida, não posso perder minha garotinha pra este mundo desvalido!” (FALKS, 2020, p. 43, grifo nosso), nota-se que o léxico usado pela personagem - caminho certo, correto e cristão - restringe, por meio da linguagem, o que se considera adequado para uma mulher, deixando de fora outras possibilidades de a mulher ser e estar no mundo; qualquer outro caminho, então, seria errado. Aí reside a violência simbólica, pois, para regular o comportamento da mulher, é necessário determinar como e por onde ela deve andar.

Por outro lado, percebemos ainda a violência simbólica que se oculta no uso repetido do termo “puta”, também inscrito na linguagem. Segundo o dicionário, a palavra possui as seguintes definições: “Prostituta, mulher que faz sexo por dinheiro; aquela que não tem pudor; libertina ou despudorada” (DICIO, 2023). Trata-se de um termo depreciativo em relação à mulher, que não diz como ela deve ser, mas o inverso; do mesmo modo, existe aí uma “imposição de um certo universo de sentido” (ŽIŽEK, 2014, p. 17) utilizada para desqualificar. O uso repetitivo e excessivo do termo “puta”

como uma espécie de maldição monstruosa e abominável é interessante, visto que pode ser entendido de duas maneiras: primeiro como o funcionamento perfeito da violência simbólica que garante a observância das regras de bom comportamento e a manutenção da ordem simbólica; segundo como excesso obsceno do desejo feminino reprimido em virtude do conservadorismo religioso.

Diferente de Rejane, Rita pertence a uma nova geração e enxerga algumas contradições no pensamento da mãe, como se verifica no trecho seguinte:

– A família toda morreu num incêndio e você trata como tragédia a menina ter virado puta? Pois eu preferia virar puta a morrer queimada!  
Rejane imediatamente quase virou a cara da filha do avesso com um tabefe.  
– Cala essa boca, Ritinha! Antes filha morta do que filha que se vende pros home! (FALKS, 2020, p. 44).

Notamos aqui a primeira manifestação de violência subjetiva, efetuada por Rejane diante da fala afrontosa de Rita. Percebemos, também, que a agressividade da mãe resulta da internalização aparentemente consistente das regras simbólicas impostas no âmbito da linguagem, a ponto de afirmar que prefere a filha morta que “perdida”. Conforme mencionamos em outro momento deste artigo, o texto de Maya Falks fala da hipocrisia das relações humanas e, aqui, temos um exemplo disso, já que a fala de Rejane em relação à moça morta causa estranhamento, ao destoar dos preceitos cristãos, do amor ao próximo, do cultivo da bondade e da piedade, sem contar o fato de ela mentir para a filha. Basta pensarmos no mandamento deixado por Jesus no Novo Testamento, que exorta a amar a Deus “de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu pensamento. [...] e o teu próximo como a ti mesmo” (MT, 22: 37-39), para confirmar esse estranhamento.

Contudo, na perspectiva do materialismo laciano, é possível pensar que, mais do que hipocrisia, a narrativa revela uma contradição subjacente à violência simbólica que é constitutiva da realidade simbólica de Santuário. Apesar dos mandamentos religiosos, parece haver um código implícito que autoriza Rejane a ser impiedosa com

a moça que virou puta, mas o mesmo código a obriga a reprimir o próprio desejo. Isso porque, segundo Žižek (2010, p. 17), na constituição da ordem simbólica:

[...] há regras (e significados) que sigo cegamente, por hábito, mas das quais, se reflito, posso me tornar ao menos parcialmente consciente [...]; e há regras que ignoro que sigo, significados que ignoro que me perseguem (como proibições inconscientes). E há regras e significados cujo conhecimento não devo revelar que tenho - insinuações sujas ou obscenas que silenciamos para manter o decoro.

Para Almeida e Silva (2019), em sua análise do romance *Vidas Secas*, as relações humanas, que explodem em formas de violência subjetiva, são permeadas por uma tensão proveniente dessa contradição fundadora que a violência simbólica possui. Segundo as autoras, “embora haja uma racionalização dessa violência, há momentos em que as contradições e incoerências emergem aumentando a tensão até culminar com violência subjetiva ou com uma nova racionalização por parte dos indivíduos” (ALMEIDA; SILVA, 2019, p. 170). Não é possível afirmar que Rita tenha racionalizado as imposições direcionadas ao seu lugar de mulher, pois ela apenas tolera a situação do santo de cabeça para baixo e a insistência do casamento, mais por respeito à mãe que por aceitação. Assim, o tapa no rosto de Ritinha é fruto da tensão despertada pela contradição apontada pela menina.

Segundo o narrador, “Rejane tinha uma fé inabalável no Santo Antônio pendurado de cabeça para baixo, principalmente depois que ela e suas irmãs caipiras fizeram o que ela considerava ótimos casamentos” (FALKS, 2020, p. 43-44). Apontamos aqui outra contradição entre o discurso e a realidade, isto é, a idealização do casamento como gerador da completude feminina e garantia de felicidade, estabilidade financeira, proteção etc.; mesmo na sociedade moderna, as mulheres são ensinadas, desde criança, a desejarem um bom casamento, uma festa com muitos convidados, um vestido branco e, claro, um bom partido; contudo, na prática, essa receita nem sempre funciona.



Essa visão sobre o casamento é inconsistente para Rita, por conta dos exemplos que tem em sua família, por isso ela questiona novamente a mãe: “– Ótimos casamentos, mãe? Tio Alcides bate na tia Ronalda todos os dias, tio Reinaldo tem umas seis ou sete amantes, o papai bebia feito carro velho e era a alegria do boteco do Pinga, que só não faliu porque o papai sustentava ele antes de deixar a gente [...]” (FALKS, 2020, p. 44, grifo da autora).

Diante desses exemplos de casamentos malsucedidos, podemos refletir sobre o que sustenta a obstinação de Rejane em buscar o mesmo destino para a filha: “– Quero ver você CA-SA-DA! Toda linda, de branco, no altar do padre Estácio” (FALKS, 2020, p. 46). Esse trecho da fala de Rejane é indispensável para compreender o funcionamento e poder da violência simbólica, pois expressa o campo semântico daquilo que a personagem internalizou como qualidades de uma mulher; casada, de branco, linda são palavras que remetem à pureza, castidade, candura, qualidades que uma mulher deveria possuir, segundo a visão de Rejane.

Para ilustrar melhor essa capacidade da linguagem de “essenciar”<sup>2</sup> aquilo que define (ŽIŽEK, 2014, p. 64), adotamos o exemplo de Almeida e Silva (2019, p. 157, grifos das autoras) sobre padrões de beleza:

[...] os padrões estéticos impostos à mulher ocidental como uma forma de violência simbólica, ou seja, por meio do ato de linguagem que diz “ser magro é bom, ser magro é belo, ser magro é ser popular/desejada/amada” esse padrão de beleza é incessantemente almejado e perseguido pelas mulheres, ainda que, em alguns casos, signifique prejuízos à saúde e, na maioria deles, signifique frustração e rancor contra a própria “indisciplina” e “incompetência”.

No mesmo raciocínio, quando Rejane afirma “– Quero ver você CA-SA-DA! Toda linda, de branco”, é possível perceber que, por meio da linguagem, criou-se uma

---

<sup>2</sup> Trata-se de um conceito elaborado por Heidegger e adotado pelo filósofo Slavoj Žižek, por defender o ponto de vista de que a linguagem possui a propriedade de criar essências. Para saber mais consultar: ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: Seis reflexiones laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 57-67.

essência na ordem simbólica da personagem que afirma inconscientemente: toda mulher deve se casar; o casamento é bom; o casamento é felicidade; casamento é vontade divina. Trata-se de uma violência simbólica, pois impõe à mulher um modo único de ser que oblitera outras possibilidades de existência, o que leva a personagem a pensar que casamento ruim é melhor que casamento nenhum. Conforme afirmam Wellington Amâncio da Silva e Feliciano José Borralho de Mira (2015, p. 106), “A dimensão maior desta violência, em sua configuração velada e ao mesmo tempo intrusiva, diz-se, é silenciosa e invisível – aí reside o fundamento da sua ferocidade”.

Nesse sentido, Rejane é mais afetada pela violência simbólica, porque normalizou os problemas do fracasso matrimonial - violência doméstica, traição, abandono parental - como uma contingência, falta de sorte, e não como uma característica inerente a essa instituição social. Observamos, então, que pode ser devido à violência simbólica instaurada por uma longa tradição de submissão que as mulheres são capazes de submeter-se a casamentos infelizes em que são vítimas de violência subjetiva de seus cônjuges.

Os questionamentos de Ritinha aparecem, na narrativa, como um desestabilizador da ordem simbólica da mãe, pois “Tudo em Santuário girava em torno da igreja e do catolicismo” e o comportamento desviante da menina é sempre corrigido com algum ato violento:

– Ara, inferno! – E, de novo, o rosto de Ritinha é virado com força por um tapa da mãe. – Nunca, *nunquinha*, fala uma palavra dessa na frente do nosso altar que tem a Virgem, Jesus crucificado e o santo que vai salvar sua vida, menina! Tenha um pouco de respeito! (FALKS, 2020, p. 46, grifo da autora).

Conforme mencionado anteriormente, Rita não sentia atração por meninos e isso a incomodava, principalmente a obrigação de ter de se casar com um deles. Em uma conversa com uma das funcionárias da escola, Pâmela, Rita é questionada sobre sentir algo pelas meninas, o que a deixa em choque. Mais tarde ela começa a pensar

sobre essa possibilidade e decide conversar com a mãe: “– Mãe, para meninas que gostam de meninas, o ritual pra casamento do santo é o mesmo? – É que eu não gosto de meninos, eu gosto de meninas, daí fiquei pensando que o ritual pode estar todo errado por isso” (FALKS, 2020, p. 50). A resposta de Rejane vem carregada de todo seu conservadorismo e explode em violência subjetiva.

– Que história é essa, Rita?

– Eu não gosto de meninos, mãe.

– Isso não tem nada a ver com gostar de meninas, Rita de Cássia, isso tem a ver com não ter encontrado o homem certo ainda! Você ficou doente na última romaria, não teve a oportunidade de conhecer os romeiros na festa, é só isso. *Para com essa bobagem!*

– Não, mãe, não é bobagem. A Pâmela, lá da escola, tem uma namorada. Ela me disse que pode acontecer de meninas gostarem de meninas!

– NÃO PODE, NÃO, ESTÁ ME OUVINDO? – Rejane, dessa vez, não parou no primeiro tapa, ignorando os gritos da menina. – É O *DIABO* QUE ESTÁ SOPRANDO NO SEU OUVIDO, E EU NÃO VOU DEIXAR ISSO ACONTECER!

Ritinha não sabia dizer ao certo quanto tempo a surra durou, mas não foi pouco. Ao final, machucada por fora e por dentro, Ritinha só tinha uma certeza: queria morrer (FALKS, 2020, p. 50-51, grifos da autora).

Nesse excerto do conto, verificamos uma violência subjetiva muito mais acentuada, que realmente deixa marcas físicas em Rita. Compreendemos que nesse ponto da narrativa, Rita se apresenta como um Outro ameaçador que realmente desestabiliza as estruturas da ordem simbólica de Rejane, pois esta temia que a filha ficasse grávida ou virasse puta, mas uma filha lésbica era ainda mais inconcebível. Para Žižek (2014, p. 58),

Uma vez que o Próximo é originariamente [...] uma coisa, um intruso traumático, alguém cujo modo de vida diferente (ou, antes, cujo modo de *jouissance* diferente, materializado em suas práticas e ritos sociais) nos perturba, abala o equilíbrio dos trilhos sobre os quais nossa vida corre, quando chega perto demais, esse fato pode também dar origem a uma reação agressiva visando afastar o intruso incômodo.

Não é somente Rita que se torna uma ameaça para Rejane, mas Pâmela também, pois elas encerram uma possibilidade de a mulher ser que não cabe no campo simbólico da mãe católica. Dias depois, Rita fica sabendo que Pâmela foi demitida, provavelmente por interferência da mãe. Usando os termos žižekianos, podemos dizer que Ritinha torna-se um Outro cujo modo de jouissance (ou apenas o modo de ser e estar no mundo) é assustadoramente ameaçador, por isso a explosão violenta, agressiva, cujo objetivo é afastar da filha essa loucura que Rejane atribui ao diabo, para que ela volte a ser o seu “duplo especular” (ŽIŽEK, 2010, p. 59), sua imagem não ameaçadora. Para Žižek (2010), existe uma dimensão abismal no Outro verdadeiro que é sempre traumática, assustadora, pois é insondável.

Depois da surra, Rita passa dias sem ir à escola, deprimida e sem vontade de viver. Rejane sente pena, mas não a libera do castigo, por medo das más influências da escola. Por isso, decide leva-la para conversar com o padre. Na igreja, o padre desmente a história de Rejane sobre sua origem pobre e afirma que é preciso deixar Rita seguir o próprio caminho: “– Sim, padre... mas menina com menina é pecado...”. E o vigário replica: – Mentir também é” (FALKS, 2020, p. 55, grifo nosso).

Assim, o padre funciona como uma instância conciliadora que, sendo a autoridade religiosa, pode autorizar Rejane a reorganizar sua ordem simbólica e recomeçar o relacionamento com a filha. Conforme expomos em outro momento do texto, as contradições e incoerências podem explodir em ações violentas ou serem racionalizadas pelos sujeitos envolvidos. Podemos pensar, então, que, apesar da explosão violenta de Rejane, a partir da anuência do padre, ela é capaz de ressimbolizar o excesso traumático relacionado com a orientação sexual da filha e, desse modo, reestruturar as coordenadas de sua ordem simbólica.

Destacamos, finalmente, que essa violência simbólica, invisível e silenciosa que constitui o universo simbólico de Rejane fica mais evidente em sua fala final: “– Porra, Santo Antônio! – E gargalhou. Sentia-se estranhamente leve. E feliz. Do lado de fora, Rita sentia o mesmo (FALKS, 2020, p. 57, grifo nosso). O primeiro ponto a ser

destacado é o uso de uma palavra de baixo calão para interpelar o santo, seguida de uma gargalhada; isso significa que a personagem, que bateu na filha por dizer a palavra inferno diante do altar, não sente o peso do conservadorismo religioso do mesmo modo que antes, talvez de uma maneira diferente. O segundo ponto diz respeito ao fato de a personagem sentir-se leve e feliz, porque isso indica que, apesar de normalizada, a violência simbólica, silenciosa e invisível, atuava como uma força opressora na vida de Rejane, mesmo que ela não tenha consciência disso.

Diante dessas reflexões, destacamos a relevância da aplicação do materialismo lacaniano ao texto literário, especialmente o conceito de violência proposto por Slavoj Žižek, pois possibilita uma percepção das relações humanas que considera não só os aspectos sociais, econômicos e políticos e suas regras implícitas e explícitas, mas também considera os aspectos intangíveis do inconsciente, as imposições da linguagem e suas reverberações, as vezes pouco perceptíveis, no meio social.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe uma interpretação do conto “Porra, Santo Antônio”, da escritora gaúcha Maya Falks, a partir do materialismo lacaniano. Focalizamos, nesta interpretação, o conceito de violência (objetiva) simbólica proposto pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, a fim de demonstrar como a violência simbólica está na base da violência subjetiva.

Inicialmente, discutiremos brevemente sobre a autora e suas obras. Em seguida, apresentamos a obra analisada, bem como o conceito de violência elaborado por Žižek em suas três formas: violência subjetiva (que são as diversas formas de agressão física, verbal ou não) e violência objetiva, a qual se divide em sistêmica (o sistema socio-político-econômico) e simbólica (os símbolos e signos que nomeiam tudo o que existe). Posteriormente, desenvolvemos a interpretação do conto de Falks, a partir desses conceitos, apontando e refletindo sobre exemplos de violência simbólica e subjetiva.

Verificamos a existência de uma violência simbólica que estrutura a ordem simbólica das personagens e, às vezes, resulta em violência subjetiva, em virtude das contradições e incoerências da violência simbólica percebida na narrativa. A violência simbólica é estruturante, pois, no contexto religioso conservador do conto, a linguagem adotada impõe e determina o que seria uma boa mulher, fazendo com que as personagens femininas reproduzam essa ideia de feminilidade restritiva e condenem o comportamento feminino que desvia dessa norma. Essa violência é tão sutil que não é incomum encontrar mulheres que julgam outras mulheres por suas roupas sensuais ou chamativas, ou porque algumas não desejam se casar ou ter filhos. Tal é o arraigamento desse pensamento no imaginário social que naturaliza o controle sobre a figura feminina.

Demonstramos que essa violência pode ser notada pela observação atenta dos recursos lexicais usados que aparecem no enredo. Ademais, percebemos que a violência simbólica irrompe em violência subjetiva, mas há uma ressimbolização e racionalização que permite reestruturar o universo simbólico das personagens, a fim de manter a convivência pacífica. Confirmamos o caráter invisível da violência objetiva simbólica, principalmente na personagem Rejane que reproduz discursos que depreciam e regulam o comportamento da mulher, em nome da manutenção das aparências exigidas pela ordem social e religiosa.

Esperamos que este artigo possa contribuir para outros estudos baseados no materialismo lacaniano, especialmente os que intencionam ampliar a compreensão do conceito de violência simbólica e sua aplicação na literatura, como caminho para compreender as complexidades das relações humanas. Tendo em vista recorrência do tema violência, outras obras de Maya Falks podem ser objeto de análises posteriores, trazendo reflexões produtivas para o campo da literatura e das humanidades.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcia Geralda de; SILVA, Marisa Correa. Vidas Secas: traços de violência sob uma abordagem žižekiana. In: ROMUALDO, Edson Carlos; SILVA, Marisa Carrea; PAIVA, Maria Margarete de. CARDOSO, Maria Verônica Tavares Neves. OLIVEIRA, Maria Betânia Rocha de. (Org.). **Imersão nas letras**: percursos literários e linguísticos. Arapiraca: Eduneal, 2019.

AMÂNCIO DA SILVA, Wellington; BORRALHO DE MIRA, Feliciano José. Žižek e a violência da linguagem o caso Charlie Hebdo como adormecimento do espaço simbólico dos sujeitos. **Aufklärung. Revista de Filosofia**, v. 2, n. 1, p. 115-118, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471547044007> Acesso em: set. 2023.

BÍBLIA, N. T. Mateus. In: Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3.ed. Várzea Paulista, SP: Casa Publicadora Paulista, 2019.

FALKS, Maya. Porra, Santo Antônio. In: **Santuário**. Rio de Janeiro: Macabéa, 2020. pp. 42-57.

NAMORATO, Luciana. Santuário: seeing brazil through a small town an interview with maya falks. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 22, esp., p. 15-22, 2020.

PUTA. In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/puta/#:~:text=Significado%20de%20Putas&text=Mulher%20que%20faz%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sexuais,adjetivo%20Tabu>. Acesso em: set. 2023.

SILVA, Marisa C. Materialismo Lacaniano. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lucia O. (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexiones laterais. Tradução: Miguel Serras Pereira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.